

SÍNTESE POLÍTICA

O primeiro semestre foi dos mais movimentados da vida política brasileira. Sua característica mais expressiva não foi a preocupação pela solução dos problemas básicos e angustiantes, quanto o aparecimento, na cena política, de personalidades diversas empenhadas em preencher o vácuo de liderança nacional. A vida política centrou-se mais em torno de pessoas do que em torno de problemas e de partidos. Nesta síntese, procura-se acompanhar a ascensão e o declínio dos que se disputam o prestígio político, enquanto a situação econômico-financeira se deteriora num ritmo acelerado. A grande interrogação é precisamente esta: as estruturas democráticas brasileiras poderão resistir ao impacto do movimento inflacionário, enquanto a vida política se extenua num jogo de concessões e de barganhas e em disputas de prestígio e de interesses?

A POLÍTICA no Brasil, nos últimos seis meses, não foi marcada por um esforço para realizar as reformas necessárias, ou para aumentar a produção e a exportação a fim de tornar próspero o país, ou por quaisquer outras medidas de bom senso. O período foi marcado por uma tentativa de parte dos grupos políticos no sentido de preencher o vácuo de liderança. Já que o destino político do Brasil parece estar condicionado antes por personalidades que por partidos e movimentos políticos, é necessário rever a situação desta luta personalística pelo poder.

BRIZOLA, SAN TIAGO DANTAS, MIGUEL ARRAES, LACERDA, e, entre os militares, KRUEL, OSVINO,

e JAIR DANTAS, todos se esforçaram para fortalecer suas posições de poder, e alguns tentaram fazê-lo além de sua própria esfera de influência. O deputado BRIZOLA procurou desesperadamente se afirmar como o líder popular das massas, mas capacitou-se de que o Presidente GOULART era o seu rival natural nesta tentativa. Daí os esforços de BRIZOLA para desacreditar o Presidente, acusando-o, e a seus Ministros, de não agirem de acordo com os interesses do Brasil no caso das compensações às companhias estrangeiras de força e luz. Não se dignou o Presidente responder a suas táticas de intimidação. Todavia, os adversários de BRIZOLA acusaram-no de

se enriquecer com seus negócios de vendas de terras, disfarçados pelo seu esquema de Reforma Agrária quando Governador do Rio Grande do Sul. Também os grandes recursos financeiros de BRIZOLA, usados para sua propaganda pessoal, tornaram-no vulnerável quanto à questão da origem dos mesmos. Enquanto os vultuosos gastos políticos de organizações como a UNE e o CGT, eram considerados normais pelo governo, a organização IBAD foi escolhida pelo Presidente GOULART para ser punida devido ao apoio econômico que deu a certos políticos. Contudo, a investigação do IBAD não pode reparar o dano que BRIZOLA vem sofrendo em seu prestígio. Mesmo a extrema esquerda começou a procurar outro líder atrás de quem cerrar fileiras. De LUÍS CARLOS PRESTES para baixo, até a personalidades menos conspícuas, parecia que MIGUEL ARRAES se tornaria o líder das massas.

ARRAES começou a viajar fora do seu Estado, promovendo comícios para ganhar projeção nacional. Neste esforço, negligenciou Pernambuco, onde seus candidatos nas eleições municipais de agosto foram derrotados em todos os principais municípios. No Recife, o candidato nominal de ARRAES, PELÓPIDAS SILVEIRA, ganhou por pequena margem. Todavia, é necessário dar ênfase ao fato de que PELÓPIDAS nunca foi homem de ARRAES, mas antes um candidato de compromisso aceito por ARRAES. A falta de prestígio de ARRAES em Pernambuco, tão claramente refletida pelas eleições municipais de agosto, não deve constituir surpre-

sa. O próprio governador foi eleito por uma diferença pequena, e, desde sua posse no governo, agiu antes como um político nacional que como administrador de um Estado. Até agora, tem falhado o plano da extrema esquerda de levar ARRAES à liderança nacional, provavelmente para satisfação do Presidente GOULART, a que, obviamente, não deve agradar o lançamento de pretensos líderes nacionais, uma vez que ele mesmo tem a intenção de se projetar como líder das massas.

O fato de SAN TIAGO DANTAS ter sido obrigado a deixar o Ministério da Fazenda, em junho passado, foi, em última análise, o resultado do ressentimento do Presidente, em face de ter querido a esquerda moderada apresentá-lo como salvador do Brasil e líder da chamada esquerda positiva. A queda de SAN TIAGO DANTAS foi, sem dúvida, bem recebida pelo governador LACERDA, e, muito provavelmente, também por JUSCELINO KUBITSCHEK.

Entretanto, o fato de ter deixado o Ministério não pode ser considerado como o fim da carreira política de SAN TIAGO.

Para o Presidente GOULART, foi relativamente fácil cortar a carreira política de BRIZOLA, da esquerda negativa, e de SAN TIAGO, da esquerda positiva. O círculo se vai estreitando: BRIZOLA, SAN TIAGO, e MIGUEL ARRAES parecem ter sido eliminados como figuras nacionais de penetração popular decisiva. Pode-se afirmar que na esfera política de GOULART, que abrange desde a esquerda moderada até à extrema esquerda, não

tem êle no momento rivais de projeção nacional.

Assim, ao deixar a presidência em 1966, poderá voltar ao PTB e terá assim um partido como instrumento pessoal à sua disposição.

As eleições presidenciais de 1965 estão se tornando um fator influente no comportamento de políticos e de partidos.

No momento em que escrevemos, há apenas dois candidatos de projeção nacional: o senador JUSCELINO KUBITSCHKEK, e o governador CARLOS LACERDA.

Tanto mais se agrava a situação política, tanto maiores parecem ser as probabilidades de LACERDA, já que se tornou o símbolo da oposição total ao Presidente GOULART, quaisquer falhas ou omissões do governo federal representam automaticamente vitória para êle.

Por outro lado, sua posição contra uma reforma da Constituição, e a favor da reforma agrária dentro dos atuais quadros constitucionais, fizeram-no muito popular nas zonas rurais de Minas Gerais e outros centros agrícolas do país. Por sua firme atitude em favor de reforma agrária sem tocar na Constituição, tornou-se LACERDA um símbolo contra a agitação no interior. E a comparação de sua obra construtiva no governo da Guanabara com a falta de iniciativa do governo federal faz dêle um candidato temível para a Presidência em 1965.

O outro candidato presidencial JUSCELINO KUBITSCHKEK, se bem que criticado por muitos pelo fato de não tomar posição em face dos grandes problemas nacionais, é ainda lembrado por parte da população como "o Presidente que fez

coisas" que "acelerou o desenvolvimento do país", que "injetou no povo brasileiro entusiasmo e otimismo" em relação ao futuro do Brasil. As notícias segundo as quais KUBITSCHKEK, desejaria ter como companheiro de chapa o governador MIGUEL ARRAES, se se confirmassem, indicariam que suas antenas não apreendem mais o sentimento do povo, já que é praticamente certo que as forças do centro reagiriam a tal aliança, abandonando a candidatura KUBITSCHKEK, pois, justa ou injustamente, ARRAES se tornou para muitos o símbolo do político de ligações comunistas. Os adversários de KUBITSCHKEK afirmam também que êle tem pouca chance de vencer o páreo presidencial por ter sido o homem que lançou o país na espiral inflacionária, causa de tantos sofrimentos para a população. Para outros, êsse argumento não vale, uma vez que afirmam que sua ação no sentido de acelerar o desenvolvimento do país só foi possível à base de uma política inflacionária. Na sua Presidência, teria havido inflação e desenvolvimento, na de GOULART, apenas inflação.

Não se pode ainda dizer se haverá outros candidatos, e quais serão.

A extrema esquerda será difícil achar entre os seus simpatizantes um homem de projeção nacional. As tentativas subterrâneas de encontrar um militar que afastasse a possibilidade de vitória de LACERDA na eleição não atingiria ainda proporção apreciável. É certo, aliás, que a candidatura de um militar enfraqueceria também as chances de JUSCELINO KUBITSCHKEK.

É verdade que as eleições de 1965 estão ainda bastante longe, e muita coisa pode acontecer até lá que mude radicalmente o panorama político.

Os partidários de KUBITSCHKE e os de LACERDA farão o possível para que a legalidade seja preservada e para que haja clima para eleições livres em 1965.

Aquêles que sentem que de uma possível vitória de LACERDA ou de KUBITSCHKE resultaria a destruição das suas possibilidades políticas ou de sua idéia de como o Brasil deva ser governado, farão com certeza o possível para criar uma situação tal que não possa haver eleições.

Outro grupo existe que trabalha no sentido de se constituir uma "terceira força" com candidato próprio. Considera que a opção entre LACERDA e KUBITSCHKE é uma opção entre um extremismo político e um extremismo econômico. A um candidato dessa "terceira força", contudo, seria difícil organizar sua campanha, já que o povo está demasiado preocupado com sua própria situação para poder cogitar de auxiliar os políticos no estabelecimento de uma nova máquina eleitoral.

É certo que o Presidente Goulart não vê com bons olhos a antecipação da campanha política, uma vez que sente que sua posição, já inicialmente enfraquecida pelo regime parlamentar, não pode sofrer mais o impacto que provirá de passar o povo a se preocupar com os candidatos presidenciais de 1965.

Presidente algum tem força no último ano de seu governo. É verdade que para Goulart há ainda

2 anos de Presidência. Convém, contudo, observar que há outras razões e mais profundas que enfraquecem a sua posição.

Enquanto parece que o Presidente teria ganho a disputa com os chamados líderes populares de esquerda, defronta-se ainda com os irrequietos elementos do CGT e das forças militares. O CGT tenta mesmo impor sua vontade ao governo. É aliás uma ironia que o CGT, com BRIZOLA, esteja insinuando que Goulart planeja um golpe, quando é evidente já há tempos que são BRIZOLA e o CGT que gostariam de liquidar as instituições democráticas. Seus ataques ao Congresso provam amplamente o seu desejo de soluções extra-legais.

O fato de que em agosto, o CGT, BRIZOLA, e outros extremistas de esquerda tenham passado a suspeitar Goulart de golpismo, explicar-se-ia por não estar o presidente querendo servir-lhes de instrumento.

Ao passo que era a UDN que acusava Goulart de pretender soluções extralegis, com a intervenção na Guanabara e o fechamento do Congresso, agora é também a extrema esquerda que o acusa de golpismo.

Encontra-se assim o Presidente sob fogos cruzados, e precisa apoiar-se cada vez mais nas Forças Armadas como o único sustentáculo capaz de lhe permitir chegar ao fim do mandato.

Os partidos políticos significam cada vez menos no que se refere à capacidade de preservar uma evolução política pacífica. Em face do agravamento da situação econômica, produzindo uma pressão infla-

SINTESE POLITICA

cionária tremenda sobre o povo, só os militares constituem um "partido" capaz de preservar a legalidade constitucional.

A atitude de GOULART, permitindo que o duelo OSVINO-KRUEL fôsse perdido por ambos (substituindo KRUEL e reformando OSVINO), poderia ser interpretada como um desejo seu de preservar em suas mãos, e fora de suspeitas partidárias, o supremo comando militar. A nomeação de JAIR DANTAS para Ministro da Guerra é, dêsse ponto-de-vista, muito significativa, uma vez que JAIR é, antes de tudo, um disciplinador.

A saída de ALMIRÃO AFONSO do Ministério do Trabalho constituiu uma perda real para a extrema esquerda. E a subsequente substituição de EVANDRO LINS pelo diplomata de carreira ARAÚJO CASTRO na pasta do Exterior indicaria uma tendência do Presidente para se libertar das pressões que o querem cercar.

Contudo, muitos observadores pensam que as duas últimas nomeações (de HERMES LIMA e EVANDRO LINS) para o Supremo Tribunal significam um fortalecimento da esquerda naquela Corte. Isso não parece ter sido confirmado pela decisão estritamente jurídica do Supremo em relação à inconstitucionalidade da eleição dos sargentos.

A revolta dêstes em 12 de setembro, em Brasília — que teve como pretexto a referida decisão — mostrou como uma certa porcentagem de inferiores nas classes armadas está sob a influência da esquerda revolucionária.

A determinação do Ministro da Guerra JAIR DANTAS de preservar

a ordem e a disciplina a qualquer preço reduz, contudo, a importância — por outros aspectos significativa — da rebelião a suas proporções, pequenas e locais. O fracasso dos sargentos de Brasília em arrastarem à revolta seus colegas de outras regiões do país, constitui uma derrota da esquerda revolucionária, que levará tempo para se recuperar.

Se bem que o novo Ministério, de junho passado, signifique, no seu conjunto, um revés para a extrema esquerda, deve-se ter em vista que a atuação do Presidente era, e é, pendular. Move-se da esquerda para o centro e *vice versa*; de modo que a mudança ministerial de junho não é, por si mesma, prova conclusiva de qualquer tendência, tanto mais quanto parece que o Ministério é apenas provisório.

Alguns afirmam que a ambigüidade do Presidente é a única maneira pela qual espera aproximar-se das forças de centro sem alienar suas bases políticas de esquerda. Todavia, a circunstância de terem fracassado os esforços para o estabelecimento de uma frente comum militar-sindical, sob a liderança do General OSVINO, constitui um revés definitivo para os extremistas da esquerda. O fato de não se formar um eixo militar-sindical resultou do reconhecimento e aceitação pelo Presidente da situação existente na liderança das Forças Armadas, contrária a tal desenvolvimento. A razão de não ter o Presidente conseguido a confiança do centro, enquanto perdia a da extrema-esquerda, está na impressão do centro de que as táticas em ziguezague do Presidente o le-

varão brevemente a uma reaproximação com os extremistas.

O estilo de governo de GOULART e sua tendência para usar comícios como arma de governo é considerado por muitos como prejudicial ao sistema representativo. Os comícios do Recife e do Rio parecem ser apenas o comêço de uma série de outros a serem promovidos pelo governo, em Curitiba, em Belo Horizonte, e em Manaus. Alguns congressistas consideram êste tipo de diálogo com as massas como uma tentativa injustificável para substituir o diálogo necessário entre o Presidente e o Congresso. O funcionamento do Governo Federal por 24 horas em diferentes Estados da União (a idéia original dêste tipo de governância geográficamente móvel já havia sido adotada por JÂNIO QUADROS para distarçar o processo de centralização) é usado pelo governo federal para ganhar prestígio nas diferentes partes do país. O que preocupa as forças do centro não é tanto a campanha publicitária do governo, mas antes a possibilidade de que os comícios governamentais sejam o primeiro sinal de uma tendência a estabelecer a chamada democracia direta, onde o Congresso e os Partidos se tornariam supérfluos.

O Presidente justifica seu governo por comícios em têrmos de pressão legítima sôbre o Congresso para iniciar reformas de base. Não há dúvida que a lentidão do Parlamento em votar as reformas é prejudicial, não apenas ao prestígio do Congresso, como ao próprio país. Pode-se dizer que o Presidente hoje se coloca numa posição semelhante à de JÂNIO QUADROS quando alegava que com o

Parlamento não lhe era possível governar. Se isto fôr verdade, restam apenas três alternativas: ou renunciar como seu predecessor o fêz, ou fechar o Congresso, se puder fazê-lo, ou aprender a governar com tal Congresso. As relações do Congresso com o Presidente não são como uma rua de mão única. Devem antes chegar a uma fórmula de coexistência, em que cada um dá e recebe. Infelizmente acontece algumas vêzes que o Senado demonstra, com uma represália infeliz, o seu ressentimento contra algum comportamento presidencial, como aconteceu quando puniu um político democrata, recusando aprovar a indicação de QUEIROZ FILHO para embaixador.

Se o Presidente se defronta às vêzes com um Congresso hostil, também tem que se haver com a hostilidade de alguns governadores. Restam-lhe, aí também, as três alternativas que vemos no problema com o Congresso. A ordem do governo federal de subordinar ao Ministério do Exterior os esforços dos Estados para obtenção de ajuda externa encontrou pela frente o desafio, não somente do governador LACERDA, mas também de governadores com disposições amigáveis para com o governo federal.

Alegavam êles que o contrôle federal nesse sentido é legítimo, mas só pode ser exercido pelo Senado. O fato de que os Estados fazem contratos com governos estrangeiros não é motivado pelo desejo de invadir a esfera da soberania do governo federal, mas determinado por considerações práticas. Conseguir recursos exclusivamente através dos canais da burocracia do governo federal significaria obter

SINTESE POLITICA

muito pouco e muito tarde. Ocorre que uma reforma básica da administração federal com sua desburocratização seria talvez mais proveitosa que a tentativa de disciplinar os Estados por meio de ordens ministeriais inconstitucionais.

A cena política brasileira tornou-se nos últimos seis meses cada vez mais tensa. A atmosfera de agosto, de incerteza do governo, como também de incerteza dos inimigos do governo, já vinha de antes, e pode se estender ainda por muito tempo. Os conflitos, algumas vezes naturais, entre o ramo executivo do governo e o Congresso, entre a União e os Estados, que não são peculiares ao Brasil, são aqui agravados pela tremenda deterioração da situação econômica, resultando em tensões sociais mais profundas. A má situação da economia piora, entre

outras razões, também devido à falta de confiança das classes produtoras quanto aos objetivos políticos do governo. Pode-se chegar a afirmar que se um golpe ocorrer entre o momento atual e as eleições presidenciais de 1965, não seria isso devido ao desejo do Presidente de manter-se no poder depois de 1964 ou à ação de forças ocultas da extrema esquerda ou da extrema direita, mas antes ao acelerado descontrole inflacionário, que forçaria aqueles que estão no poder a estabelecerem um regime de exceção para prevenir o caos econômico. Com efeito, quando o caos econômico, e conseqüentemente político, bate à porta, acham alguns que um regime de exceção, embora em si uma coisa má, é melhor do que uma revolução sangrenta, que seria um sacrifício inútil de sangue humano e devastaria por completo a economia do país.

EM TUDO SOBRE:

OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Descontos,
Depósitos e Cobranças



faz bons amigos...
com bons serviços!

BANCO
IRMÃOS GUIMARÃES S.A.

Matriz: Rua da Quitanda, 80 - Rio de Janeiro

11.453